

SOB O OLHAR DE UM BAUDAD BRASILEIRO: ESCRITAS DE SI NAS CARTAS DE VIAGEM DE JOÃO RIBEIRO¹

■ SHAYENNE SCHNEIDER SILVA

<https://orcid.org/0000-0002-3859-2852>

Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

Interpretar as escritas de si nas cartas publicadas por João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934), em *O Commercio de São Paulo*, durante sua primeira viagem à Europa, é o objetivo do presente artigo. Comissionado pelo governo brasileiro em 1895 para estudar a organização e métodos empregados no ensino primário e secundário germânicos, o viajante pode publicizar o visto e o vivido de sua travessia. Dentre as impressões privilegiadas, descreveu lugares visitados, pessoas que conheceu, jornais e leituras que realizou em terras estrangeiras, bem como comentou sobre política, artes, cultura e educação alemães, defendendo estas como modelo para o Brasil. Tomo como fonte principal as 40 cartas publicadas no jornal diário, entrecruzando-as com cartas pessoais do viajante a amigos – no intuito de pedir, agradecer e encurtar distâncias e saudades –, revelando uma tríade entre escrita, imprensa e viagem, na medida em que o professor se mostrava um verdadeiro espectador da vida alemã.

Palavras-chave: João Ribeiro. Escritas de si. Escritas de viagem. Imprensa. História da Educação.

ABSTRACT

UNDER THE VIEW OF A BRAZILIAN BAUDAD: YOUR WRITINGS IN LETTERS PUBLISHED IN THE PRESS

Interpreting the writings of himself in the letters published by João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860–1934), in *O Commercio de São Paulo*, during his first trip to Europe, is the purpose of this article. Commissioned by the Brazilian government in 1895 to study the

¹ O presente artigo é um recorte da tese *Em terras alheias: a viagem de João Ribeiro como estratégia de legitimação na Educação (1895-1897)*, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em junho de 2022, com financiamento de bolsa de doutorado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) – com período de Doutorado Sanduíche, com bolsa financiada pela FAPERJ, realizado na Universidad de Alcalá, na Espanha, coordenado pelo Prof. Dr. Antonio Castillo Gómez.

organization and methods used in German primary and secondary education, the traveler can publish the visa and the experience of his crossing. Among the privileged impressions, he described places visited, people he met, newspapers and readings he carried out in foreign lands, as well as commented on German politics, arts, culture and education, defending these as a model for Brazil. I take as my main source, the forty letters published in the daily newspaper, intersecting them with personal letters from the traveler to friends – in order to ask, thank and shorten distances and misses –, revealing a triad between writing, press and travel, insofar as that the professor showed himself to be a true spectator of German life.

Keywords: João Ribeiro. Writings of yourself. Travel writings. Press. History of Education.

RESUMEN

BAJO LA MIRADA DE UN BAUDAD BRASILEÑO: SUS ESCRITOS EN CARTAS PUBLICADA EN LA PRENSA

Interpretar los escritos de él mismo en las cartas publicadas por João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860 –1934), en *O Commercio de São Paulo*, durante su primer viaje a Europa, es el objetivo de este artículo. Encargado por el gobierno brasileño en 1895 para estudiar la organización y los métodos utilizados en la educación primaria y secundaria alemana, el viajero puede publicar la visa y la experiencia de su cruce. Entre las impresiones privilegiadas, describió lugares visitados, personas que conoció, diarios y lecturas que realizó en tierras extranjeras, además de comentar sobre la política, las artes, la cultura y la educación alemanas, defendiéndolas como modelo para Brasil. Tomo como fuente principal, las cuarenta cartas publicadas en el diario, entrecruzándolas con cartas personales del viajero a amigos – con el fin de preguntar, agradecer y acortar distancias y extravíos –, revelando una tríada entre escritura, prensa y viaje, en la medida en que el profesor se mostró como un verdadero espectador de la vida alemana.

Palabras clave: Joao Ribeiro. Escrituras del yo. Escritos de viajes. Prensa. Historia de la Educación.

Papéis que viajam

Como muitos viajantes que partem de caneta e papel em punho para registrar momentos especiais que despertam fascínio, curiosidade, espanto ou admiração, os educadores que atravessaram mares e terras em busca de inovações educacionais, deixaram vestígios de suas experiências, descobertas e redes de sociabilidade tecidas em cartas, cartões postais, diários, agendas, álbuns de viagens e relatórios, o que permite adentrar por uma escrita de si reveladora de processos de formação por olhares sobre o estranho, o novo, o inusitado. (MIGNOT, 2018a, p. 101).

Diversas são as maneiras de se capturar o visto e o vivido de uma viagem. Álbuns, fotografias, agendas, diários, relatórios, telegramas, bilhetes, cartões e cartas, são alguns exemplos de papéis que viajam e que possibilitam aos pesquisadores “[...] averiguar, conhecer e se aproximar de distintos olhares e percepções, subjetividades e tendências, perspectivas e sensibilidades que entremostam, escondem, compartilham e elucidam, diferentes pontos de vista e de entendimento” (PIMENTA, 2017, p. 344).

Nesse sentido, elejo as cartas enviadas por João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860, Sergipe, Brasil; 1934, Rio de Janeiro, Brasil) – professor, literato, filólogo, jornalista e escritor – a fim de perceber as motivações, os contextos, redes de sociabilidade e as impressões de viagem tecidas pelo sujeito que narra com detalhes sua travessia. Mergulho nas cartas publicadas por esse homem de letras em *O Commercio de São Paulo*, durante sua primeira viagem à Europa, em 1895, na tentativa de interpretar as escritas de si presentes em sua narrativa. Quais expectativas carregava em sua mala? O que observou? Quais temáticas privilegiou?

Mas, afinal, quem era esse viajante? É a primeira questão que faço ao me debruçar sobre a farta correspondência de João Ribeiro, pois quando os pesquisadores trabalham com esse tipo de escrita não estão interessados ape-

nas nos assuntos tratados.² Na perspectiva da história da cultura escrita,³ conforme apontado por Antonio Castillo Gómez (2017; 2022), é necessário interpretar as práticas, representações e usos da escrita das mesmas, o que implica em interrogar sobre quem escreve, o contexto da escrita e as motivações para escrever, remeter e ler cartas.

Tentando fugir da linearidade da vida desse sujeito (BOURDIEU, 2006) e sem a intenção de esgotar sobre o tema, busco, primeiramente, apresentar quem escreve, ou seja, o professor viajante, suas motivações, contextos de viagem e bagagem cultural,⁴ tendo como fio con-

2 Para saber mais sobre pesquisas que abordam as cartas em sua dimensão histórica, ver: GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. – Dentre os artigos dessa coletânea, podemos observar o artigo intitulado “Carta de leitor. Reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava”, de Marília Rothier Cardoso, no qual a autora chama a atenção para dois caminhos que os pesquisadores podem tomar ao se debruçar no discurso epistolar. O primeiro deles, a correspondência entre personalidades públicas, o que gratifica o lado *voyeur* dos pesquisadores e, o segundo, as cartas pessoais trocadas entre cidadãos comuns, estas, por sua vez, escapam do poder de resgate das instituições e é preciso esperar que o acaso as torne acessíveis à análise; BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002; SÁEZ, Carlos, CASTILLO GÓMEZ, Antonio. La correspondencia en la historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar. 1ª ed. Madrid. 2002; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. Cartas – Lettres – Lettere. Discursos, prácticas y representaciones epistolares (siglos XIV-XX). 1ª ed. Alcalá de Henares. 2014; CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. Cinco siglos de cartas. Historia y prácticas epistolares en las épocas moderna y contemporánea. 1ª ed. Huelva. 2014; PETRUCCI, Armando. Escribir cartas, una historia milenaria. Buenos Aires: Ampersand, 2019; CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Aprendizaje, arte y prácticas epistolares en España durante la temprana Edad Moderna. Epistolarios de ayer. Diplomática de hoy. 1ª ed. Guadalajara. 2019. P. 133 – 166; e SIERRA BLAS, Verónica. Aprender a escribir cartas. Los manuales epistolares en la España contemporánea (1927-1945), Gijón: Ediciones Trea, 2003; dentre tros. (*apud* SILVA, MIGNOT, 2022)

3 Para saber mais sobre história da cultura escrita, ver: Viñao Frago (1996).

4 Tomo como referência a noção de capital cultural pretendida por Bourdieu que pressupõe a posse de bens ou símbolos que aludem a três estados com-

dutor a correspondência pessoal ativa, localizada dispersamente na Academia Brasileira de Letras (ABL) e na Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Posteriormente, adentro pela narrativa de viagem, interpretando o suporte da escrita e suas características, que, diferentemente das cartas pessoais, não permite que seja analisada fora da tríade imprensa, escrita e viagens, na História da Educação. Nesse sentido, busco capturar o olhar de um *baudad*⁵ brasileiro sobre a Alemanha.

Motivações de um professor em trânsito

Saúde a todos. Muito a contragosto te escrevo agora para fazer-te uma proposta que talvez te desagrade. Como já eu te disse, eu parto para a Europa a 10 de abril ou pouco depois. As epidemias não permitem que eu vá aqui com a família nem tu venhas aqui – pois seria uma imprudência ou talvez viesse ocasionar maiores desgostos. [...] Em vista d’isso acho prudente que adies o batizado de teu filhinho para q^o eu voltar da Europa [...] Na Europa demorar-me-hei 7 mezes

plementares: “estado incorporado”, refere-se aos conhecimentos adquiridos pelos sujeitos sob a forma de disposições duráveis (ser competente em um ou outro domínio de conhecimento, ser culto, ter um bom domínio da linguagem, da retórica, conhecer e se reconhecer nos códigos do mundo social); “estado objetivo”, que diz respeito às realizações materiais ou patrimônio de bens culturais, como obras de arte, livros, instrumentos, mídias, equipamentos; e “estado institucionalizado”, associado aos títulos, diplomas, sucesso em concursos, premiações, dentre outros, que tem por finalidade o reconhecimento das competências pela sociedade ou, mais frequentemente, pelo Estado, que o torna público e o institui (BOURDIEU, 1999).

5 João Ribeiro revela em seu artigo no *Jornal do Brasil*, publicado no dia 24 de junho de 1927, que apesar de considerar ter realizado poucas viagens na vida, conseguiu ao menos conhecer mais da metade da Europa, com a ingenuidade de um *baudad*, ou seja, conseguindo aproveitar e capturar o visto e o vivido de suas viagens sem pedantismo. Esse aspecto foi apontado primeiramente no artigo de Silva (2016), quando a autora tratou sobre autores viajantes que escreveram sobre a história do Brasil, elencando João Ribeiro como um deles, e que pretendo retomar no presente artigo com o intuito de me deter sobre a relação estabelecida entre o escritor viajante e a sua primeira viagem à Europa, em 1895.

ou 8 e creio que estarei de volta em Outubro ou Novembro d’este anno ou talvez antes d’isso. (Carta de João Ribeiro a José Lino, 24/03/1895, Rio de Janeiro – Arquivo Pessoal João Ribeiro, ABL).

Em carta endereçada ao compadre José Lino Ribeiro de Sá,⁶ João Ribeiro tentava reajustar alguns combinados devido à viagem que estava programada para ocorrer dentro de alguns dias à Europa. Nela, é possível observar que o sergipano pensava em não se estender muito fora do país, a ponto de pedir ao compadre que adiasse o batizado do filho para quando retornasse do exterior.

Outra questão a ser notada na carta em destaque, é a preocupação do remetente em viajar pelo Brasil nessa época, mesmo que a curta distância, por conta das epidemias. A mesma apreensão também transparecia em outras cartas para o mesmo destinatário. Como exemplo, temos a epístola de 29 de novembro de 1889, na qual João Ribeiro, ao reclamar da própria saúde, acreditando estar debilitada, pede ao amigo que interceda a seu favor ao angariar um emprego ao Barão Ribeiro de Sá, pai de seu compadre, em São Paulo ou Minas Gerais, pois o clima era mais ameno e propício ao estado que se encontrava. Em demais cartas,⁷ é possível depreender os problemas sociais que atravessavam o Brasil, no final do século XIX, que se refletem nas tensões instaladas nas cidades que sofriam com os surtos de cólera, com a febre amarela, a malária, a tuberculose, entre outras doenças, bem como com a mudança de regime político, a industria-

6 José Lino Ribeiro de Sá era filho do Barão Ribeiro de Sá, uma família de agricultores com posses em Parahyba do Sul, no Rio de Janeiro. Foi médico, fazendeiro, tendo se casado com Dona Olga de Andrade Santos, filha do Capitão Antonio Augusto de Andrade Santos. (*DIARIO DE MINAS*, 24/07/1889, ed. 385, p.2; *ALMANAK LAEMMERT: ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL* (RJ), ed. 81, 1925, p. 205; op. Cit, ed. 61, 1904, p. 1255)

7 Ver cartas de João Ribeiro a José Lino, de 18 de setembro de 1893; a José Veríssimo, de 20 de abril de 1894 – Arquivo Pessoal João Ribeiro, ABL.

lização e as questões socioeconômicas herdadas do período de escravidão (SCHWARCZ, 2012; CHALHOUB, 2018).

Diferentemente da apreensão que transparecia nas cartas do remetente em viajar pelo Brasil, João Ribeiro se mostrava confiante no planejamento para sua viagem internacional. Em 31 de março de 1895, ele escrevia novamente a José Lino, desfazendo alguns possíveis mal-entendidos sobre a viagem à Europa e demonstrando segurança em deixar a esposa e os filhos aos cuidados de algum conhecido:

Saúde, desejo a ti aos teus filhos incluindo o meu afilhadinho e a tua Snr^a. Recebi hontem a tua carta a qual agora respondo. Pela tua carta, vejo que supões que eu vou a Europa com a minha família. Mas não é assim. Nhan-nhan e meus filhos ficam aqui e em companhia do irmão (José Luiz da Fonseca Ramos) que acaba de enviar e mora actualmente com os filhinhos conosco. Parto pois sossegado, embora com muitas saudades. Demais a minha demora não será mt^o grande. Além d'isso, Nhan-nhan não poderia ir pois já se esta em estado interessante e seria inconveniente embarcar. Se me quiseses escrever, envia as tuas cartas para aqui. (rua do Oriente, 8). Podes vir dar um passeio aqui no inverno com a comadre e teus filhos. A Xavieria está cada vez mais interessante e engraçada. A Betty estava doentinha dos dentes que estão nascendo, mas já está quase boa. Adeus. Ao teu amigo, João Ribeiro. (Carta de João Ribeiro a José Lino, Rio de Janeiro, 31/03/1895 – Arquivo Pessoal João Ribeiro, ABL).

É possível observar, agora, um pouco das expectativas de João Ribeiro em relação à sua ausência do Brasil durante a viagem internacional. Nota-se que o missivista escrevia em resposta a uma carta anterior de seu compadre, indicando que partiria à Europa sem a família, formada, à época, pela esposa Maria Luiza da Fonseca Ramos,⁸ conhecida como Nhan-Nhan, que se encontrava grávida, e suas duas filhas,

8 Filha do major Luiz Ramos, professor da Escola Normal, e de D. Leopoldina Carneiro Mendonça, nascida em 1889 (RAMOS, 2015).

Xaviéria e Betty. Enquanto estivesse fora, elas ficariam sob os cuidados de seu cunhado, José Luiz da Fonseca Ramos. Tê-las sob a proteção de alguém de sua confiança, especificamente, de uma figura masculina, significava que poderia viajar com maior tranquilidade, sabendo que sua família estaria bem-acolhida, e que, apesar da saudade que sentiria por estar longe, acreditava que não se demoraria muito nessa viagem.

Ao atentarmos para os protocolos epistolares, tais como o endereço de quem envia e de quem recebe, a data, a saudação, o corpo da carta e a despedida (CASTILLO GÓMEZ, 2002; 2013; 2014), percebemos que tanto Lino quanto sua esposa eram figuras constantes nas cartas trocadas entre eles, em especial ao nos determos nas saudações e nas despedidas. Podemos observar, outrossim, que os destinatários moravam em Paraíba do Sul, pois, em algumas cartas, o remetente falava de uma possível visita à casa dos amigos, apontando para esse destino.⁹ Além disso, observamos que João Ribeiro utilizava uma linguagem informal, com abreviaturas, mostrando que os correspondentes eram próximos. Podemos ratificar tal afirmativa, pelo fato de o conteúdo de algumas dessas missivas o apontarem como padrinho de alguns filhos de José Lino, assim como o contrário também ocorria. Em geral, a partir da correspondência entre sujeitos, é possível estabelecer algumas relações, haja vista que a prática epistolar só existe em função de um outro, ou seja, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda resposta, podendo ser considerada uma via de mão dupla (VENANCIO, 2002).

Ainda sobre a carta do excerto citado anteriormente, vale ressaltar que a decisão de João Ribeiro de não levar sua esposa e filhas para viagem à Europa tinha relação com o fa-

9 Ver carta de João Ribeiro a José Lino, 1^o de janeiro de 1891, Rio de Janeiro – Arquivo Pessoal João Ribeiro, ABL.

lecimento de uma outra filha, Emma, o que foi também revelado por carta ao amigo confiante, em 1892.¹⁰ Por sua vez, foi a partir dessa perda que o remetente já nutria, desde então, o desejo de sair do país.¹¹ Tais missivas corroboram com a ideia de que as viagens nunca se iniciam ao embarcar (MIGNOT; GONDRA, 2007). Nelas, são depositadas expectativas e, em geral, é elaborado um planejamento bastante organizado para que tudo ocorra bem. Escolher o(s) destino(s), comprar as passagens, acertar os dias que ficará longe, marcar a hospedagem, organizar a bagagem, definir as companhias e os itinerários são algumas das tarefas imprescindíveis de serem realizadas antes da data de embarque.

Essas e outras missivas presentes na ABL – entrecruzadas com documentos oficiais, notícias em jornais e biografias a respeito desse viajante –, indicam-nos alguns dos caminhos, motivações e decisões tomadas por João Ribeiro até o momento de sua partida. Isso porque as cartas dispõem de algumas características próprias, podendo ser íntimas e públicas, pessoais e relacionais, permitindo, dessa maneira, compreender e interpretar um sujeito e suas interações.

A partir delas, interpreto um homem de letras preocupado em conseguir um cargo público, em especial no magistério, desde sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1881, dedicando-se também ao jornalismo, com a publicação de versos e artigos nos jornais da época, alguns deles, lançando mão de pseudônimos, tais como: Xico-Late, Y., N., Nereu, dentre outros. Lembremos que era muito comum a saída de jovens do norte do Brasil tentar a vida no centro político e cultural da capital do Império, pois a cidade do Rio de Janeiro oferecia um

campo ímpar de atuação para os intelectuais – assim como João Ribeiro –, formada por cafés, confeitarias e livrarias, ou seja, “[...] múltiplos conventículos literários privados, compostos de confrarias vaidosas que se digladiavam continuamente pelos pasquins esporádicos da rua do Ouvidor” (SEVCENKO, 2003, p. 118).

Nesse trânsito entre cidade natal e capital, João Ribeiro acabou por não concluir o curso de Medicina, na Bahia, e tampouco os estudos da Escola Politécnica, no Rio de Janeiro. Apesar disso, pôde atuar como secretário oficial da Biblioteca Nacional (1885- 1890) e como secretário do Instituto Filológico Brasileiro, além de participar de alguns concursos no magistério. Não obtendo êxito nos concursos para Lente de Português do Ginásio Nacional,¹² em 1887, e para diretor-geral da instrução pública de Minas Gerais,¹³ em 1890, não era de se espantar que comemorasse, por cartas a amigos, a sua aprovação para assumir a cadeira de História Universal do Ginásio Nacional.¹⁴ Como docente

12 Para esse concurso, escreveu a tese *Morfologia e colocação dos pronomes*, obtendo o 2º lugar. A comissão julgadora foi composta por Emigdio Adolpho Victorio da Costa, Inspetor Geral da Instrução Pública; José Joaquim do Carmo, reitor do externato do Imperial Colégio Pedro II; além de José Maria Velho da Silva, Carlos Maximiano Pimenta de Laet e Fausto Carlos Barreto, professores do Imperial Colégio Pedro II (SILVA, 2022).

13 Para esse concurso, escreveu a tese *A instrução pública (primária, secundária, técnica)*. A banca era formada por H. Gorceix, Antonio Olyntho dos Anjos Pires, Joaquim Candido da Costa Senna, Bernardino Augusto de Lima, Marciano Pereira Ribeiro e Leonidas Botelho Damasio.

14 O ginásio foi o primeiro colégio de Instrução Secundária criado para ser referência de ensino no Brasil. Com a Proclamação da República, em 1889, o colégio passou a se chamar Instituto Nacional de Instrução Secundária, com o intuito de apagar a identificação do colégio com o regime imperial extinto e com o próprio imperador deposto, que o frequentava cotidianamente. Em 1890, para desvincular-se da Monarquia, a instituição mudou o nome para Ginásio Nacional. Apesar da mudança de nomes, nos primeiros anos da República, o colégio continuava sendo “um ponto de encontro e lugar social de um pequeno círculo de intelectualidade – como professores, jornalistas e escritores” (GASPARELLO, 2004 *apud* ALVES, 2006, p. 177). A autora revela ainda que esses intelectuais pertenciam a outros grupos sociais, formando uma complexa rede que compunha a intelectuali-

dessa instituição, além de prestígio, passaria a ganhar mais e disporia de mais tempo para desempenhar outras atividades intelectuais que já se dedicava, como a publicação de artigos em jornais e de manuais didáticos e tradução de livros.¹⁵

As cartas trocadas entre o viajante e seu círculo de convívio, composto por nomes como Max Fleuiss, Lúcio de Mendonça, Araripe Júnior, Machado de Assis, Graça Aranha, entre outros, evidenciavam os trâmites burocráticos e as redes de sociabilidade acionadas para permitir que sua viagem fosse financiada. Segundo os relatórios oficiais do Ministério das Relações Exteriores, João Ribeiro teria viajado inicialmente devido a uma licença do ginásio para cuidar da saúde, como é apresentado pela portaria do dia 15 de março de 1895 (*Revista Pedagógica*, Tomo 8, n. 43, 15 de set. de 1895, p. 92 – Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional), designando outro professor para ficar em seu lugar nesta instituição de ensino. Quase um mês após o deferimento da licença concedida ao viajante, o governo encarregava-o de estudar a organização e os métodos empregados nos ensinos primário e secundário, especialmente, em relação às disciplinas que ele regia no ginásio, de Geografia e História Universal (BRASIL, 1896, p. 199 – Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional), permitindo-lhe continuar ganhando os honorários do colégio, mesmo que de licença.

Tal comissão só conseguira por estar vinculado ao Ginásio Nacional e devido à sua rede de sociabilidade mobilizada, como é possível

dade carioca, como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) – em funcionamento desde 1838 –, e a ABL – que, apesar de só ser fundada em 1897, os membros já se reuniam e publicavam no impresso comandado por Machado de Assis.

15 Até a viagem de 1895, já havia colaborado para os impressos *O Paiz*, *Correio do Povo*, *Época*, *A Semana*; publicado as obras *Dicionário gramatical* (1889), *História Antiga (Oriente e Grécia)* (1892), *Grammatica portuguesa* (do 1º ao 3º ano), *Auctores contemporâneos* (1894), dentre outras; e traduzido o livro italiano *Coração*, de Amicis.

de ser observado pela carta de 25 de maio de 1895, de Berlim, enviada a Lucio de Mendonça, Ministro do Supremo Tribunal Federal – nomeado pelo presidente Prudente de Moraes naquele mesmo ano. Nela, o remetente pedia que o destinatário intercedesse junto ao presidente, ou mesmo ao ministro Carlos de Carvalho,¹⁶ para viabilizar uma comissão ou nomeação que o fizesse permanecer mais algum tempo em solo europeu. Acrescentava que sua intenção era a de levar a família para Alemanha, pois tinha “mortal saudade”, e solicitava, ainda, que mostrasse sua carta à Araripe,¹⁷ na expectativa de que ele, também, pudesse lhe ajudar. Meses depois, João Ribeiro respondia, dessa vez, em agradecimento, pois havia recebido o ofício do ministro concedendo a nomeação que desejava e informando que pretendia demorar-se um ano e voltar alemão e disciplinado.¹⁸

16 Trata-se de Carlos Augusto de Carvalho (1851, RJ – 1905, RJ), advogado e político, que foi ministro das Relações Exteriores no governo de Floriano Peixoto, continuando à frente dessa pasta ainda durante o governo de Prudente de Moraes, por dois anos. Além disso, atuou como presidente da Província do Paraná, em 1882 e do Pará, em 1885. Foi, enfim, diretor do Banco do Brasil, de 1902 a 1903. FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (Funag). Carlos Augusto de Carvalho. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/340>. Acessado em: 20 jan. 2022.

17 Trata-se de Tristão de Alencar Araripe Júnior formado em Direito pela Faculdade de Recife e político. Membro fundador da cadeira 16 da ABL. Escrevia para *A semana* junto a João Ribeiro e outros do chamado *bond* da revista. Foi nomeado oficial de secretaria do Ministério dos Negócios do Império. Durante a Proclamação da República, o ministério onde atuava foi extinto e, com isso, passou a assumir a pasta do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Na época da carta enviada por João Ribeiro a Lúcio (1895), Araripe Júnior estava como diretor geral da Instrução Pública. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Tristão de Alencar Araripe Júnior. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/araripe-junior/biografia>. Acesso em: 20 jul. 2022.

18 Além dessas cartas, Hansen (2000, p. 28-29) também traz, em seu estudo, cartas enviadas por João Ribeiro a Max Fleuiss, presentes no IHGB. Dentre elas, constava uma datada de 21 de maio, um pouco antes de escrever a Lucio de Mendonça, na qual contava ao destinatário que já havia enviado uma carta ao presidente pedindo-lhe uma comissão gratuita, ou seja, que não custasse nada a mais para o governo, mas que garan-

Decidido o destino e a comissão que lhe permitisse custear sua viagem, encontrou, via cartas, uma maneira de manter-se em contato constante com a família e amigos que permaneceram no Brasil e na imprensa, uma possibilidade de visibilizar sua viagem e, por conseguinte, manter ativa sua comunicação com os seus leitores. Para tal, virou correspondente do *O Commercio de São Paulo*, onde publicava “Da Allemanha”. O que, para quem e por que escrevia? Quais os cuidados os pesquisadores precisam ter ao estudar esse tipo de fonte? Como é possível perceber as escritas de si a partir de tais documentos?

De Berlim a São Paulo

Mantendo a promessa feita, publicamos hoje a primeira carta que da Allemanha nos enviou o ilustre philologo dr. João Ribeiro, nome demais conhecido para que seja necessario acompanhá-lo de qualquer comentario. Iniciando esta nova série de correspondências, foi nosso intuito, não só tornar a nossa folha cada vez mais interessante e mais moderna, como também satisfazer um pedido dos nossos assignantes alemães, que desejavam ter as impressões de um brasileiro sobre seu grande paiz. O publico há de fazer-nos esta justiça: é que não poupamos nem esforços nem sacrificios para manter *O Commercio de S. Paulo* na altura a que tão rapidamente o collocou o seu favor. (*O COMMERCIO DE SÃO PAULO*, ed. 683, 19/06/1895, p. 1).

Na edição do dia 19 de junho de 1895, o jornal *O Commercio de São Paulo* publicou a primeira carta enviada da Alemanha pelo professor João Ribeiro. Na mesma página, acom-

tisse o recebimento integral dos ordenados provenientes do Ginásio Nacional. Além de Max, estendeu seu pedido de ajuda a Lucio de Mendonça, Araripe Júnior e Xavier da Veiga. Sobre este último, é possível que João Ribeiro estivesse se referindo a José Pedro Xavier da Veiga (1846-1900), historiador, jornalista, político, sociocorrespondente do IHGB e que, também, colaborava para *A Semana*. INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. José Pedro Xavier da Veiga. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/jpxdaveiga.html>. Acesso em: 9 dez. 2022.

panhava a nota anterior indicando ao público-leitor do jornal, mais especificamente, aos supostos leitores alemães que em São Paulo viviam,¹⁹ que a publicação da série de correspondência tinha o intuito de tornar a folha mais interessante e moderna, mas também os satisfazer. A partir delas, tais assinantes poderiam ter em mãos as impressões de um brasileiro sobre aquele país. Essas cartas, seriam correspondentes à série “Da Allemanha”, nas quais o viajante poderia registrar e publicizar o visto e o vivido de sua travessia.

Outros estudos, em função de seus objetivos de pesquisa, selecionaram alguns desses papéis que viajam e preferiram qualificar a escrita dos textos de João Ribeiro como artigos de divulgação científica ou artigos científicos para divulgação da ciência no Brasil.²⁰ No entanto, em vários momentos, o próprio viajante a qualificou como carta, assim como o jornal destacou que “Da Allemanha” seria uma série de correspondência. Portanto, neste trabalho, optei por considerar a nomenclatura elegida por seu autor, ou seja, cartas, nas publicações que ele assim o definiu, mesmo sabendo que elas não possuíam, de todo modo, os elementos constitutivos da escrita epistolar – que englobam uma tentativa de vínculo com o leitor, a utilização de saudação e despedida, dentre outras características presentes na prática de escrita de cartas (SÁEZ; CASTILLO GÓMEZ, 2002; BOUVET, 2006; CASTILLO GÓMEZ; SIERRA BLÁS, 2014) –, bem como não indicou no título da coluna em questão que estas seriam cartas, assim como fizeram outros correspondentes.

Em um breve exercício de comparação, percebi que João Ribeiro não era o único a publi-

19 A esse respeito, ver: Trespach (2014) e Rölke (2016).

20 Refiro-me aqui à dissertação de Vera Lúcia dos Santos (1981) e à dissertação de Felipe Oliveira (2017), nas quais, em ambos os estudos, os autores buscaram identificar as visões de ciência expressas nos artigos de divulgação científica de João Ribeiro na virada do século XIX para o século XX, entrecruzando com outras obras posteriores desse intelectual.

car uma série de correspondência neste jornal, tampouco o primeiro. Havia também uma seção intitulada “Cartas de Lisboa” e “Cartas do Porto”, de correspondentes resididos em Portugal; e, “Cartas Parisienses”, cuja assinatura inscrevia-se sob o pseudônimo Maneco, que era correspondente de Paris, publicadas entre 1893 e 1896. À primeira vista, observei que o estilo de narrativa tomado pelo correspondente sergipano era parecido com os dos demais jornalistas do impresso paulista. Tratavam sobre temas políticos, culturais, biografias sobre pessoas ilustres recém-falecidas, acontecimentos locais da cidade e do país que se encontravam, dentre outros. Em uma mesma publicação, tinham a liberdade de não se prender em um só assunto. Apontavam geralmente a data, que poderia ser a indicação feita pelos redatores do jornal que a colocavam para informar aos leitores de quando haviam recebido tal carta de seus correspondentes ou, talvez, pudesse ser uma indicação de seus próprios autores. Com exceção dos dois primeiros anos de publicação das cartas de Maneco – entre 1893 e 1894, no qual o correspondente se utilizava de um destinatário fictício “Zeca”²¹ e saudações e despedidas referente ao gênero carta –, os demais anos dessa coluna e aquelas referente às cartas de Porto, de Lisboa e da Alemanha, não tiveram, em sua maioria, uma tentativa de se aproximar de seus leitores ou destinatários ou se beneficiaram tanto dos protocolos desse gênero para sua publicação.

Devo considerar que tais seções tiveram aproximações pelo fato de todos esses jornalistas exercerem a função de correspondente de *O Commercio de São Paulo*. A esse respeito, De Luca (2016) salienta que a função

21 Nas “Cartas Parisienses”, Maneco utilizava-se de um possível destinatário, referindo-se a ele de diferentes maneiras, tais como: “Meu caro Zeca”; “Meu bom Zeca”; “Zeca do meu coração”; “Zeca”; “Meu prezado Zeca”; “Meu estimado Zeca”; “Meu excelente amigo”; e assim vai brincando com o leitor para introduzir os assuntos que abordaria em cada edição.

de correspondente no Brasil ainda não estava definida no último quartel do século XIX. Isso porque, por volta de 1870 a 1880, ainda eram inúmeras as transformações sociais que ocorriam no país junto às novidades técnicas nos meios de comunicação²² e de transporte,²³ que acabavam por reconfigurar as atividades exercidas pelos correspondentes, que poderiam ser desde colaborações informais e esporádicas nos jornais até um rol bem preciso de obrigações.

Ao todo, somam-se 40 cartas publicadas de João Ribeiro, separadas em dois momentos.²⁴ O primeiro deles, referente a 1ª série do correspondente, apareceram desde 19 de junho a 20 de agosto de 1895. Já o segundo pertenciam a 2ª série, estendendo-se de 19 de setembro a 29 de dezembro de 1895. As presentes impressões de viagem apresentavam-se sempre na primeira página – das quatro que o jornal dispunha normalmente –, com exceção da edição 702, de 11 de julho de 1895, intitulada “O jornalista”, que apareceu na segunda página, porém, sem nenhuma alteração em seu formato e *design*. De acordo com o corpo editorial, eram sempre publicadas em sua íntegra, ocupando

22 Em relação à mudança nos processos de produção dos impressos, a autora pontua que “[...] no decorrer do século XIX, a fabricação de papel contínuo, a prensa cilíndrica e o vapor, ao que se seguiram as cada vez mais rápidas prensas mecânicas, as rotativas e, nos decênios finais da centúria, a mecanização da composição pela linotipo” (DE LUCA, 2016, p. 113). A autora acrescenta a esse fato “as novidades que saíam das tipografias – livros, revistas, jornais, folhetos, estampas, panoramas, propagandas e cartazes – produzidos em escala industrial, isto é, cada vez mais baratos e atraentes, graças à incorporação da imagem, novidades de grande alcance e que propiciava inéditas experiências de visualidade” (DE LUCA, 2016, p. 113), gerando um impacto econômico e social na circulação de milhares de páginas impressas, “vendidas a preços módicos à crescente população urbana europeia, que dependia da informação para gerir seu cotidiano e cujo processo de letramento conhecia avanços significativos” (DE LUCA, 2016, p. 113).

23 A autora refere-se aos progressos das viagens marítimas, realizadas a vapor, e o desenvolvimento acelerado das ferrovias, mudando-se a percepção do espaço e do tempo. (DE LUCA, 2016)

24 Ver apêndice A.

de uma a duas colunas das oito contidas em cada página do impresso. Com exceção de alguns, cada relato de viagem aparecia como na Figura 1, a seguir, sendo possível observar o título da série, “Da Allemanha”; abaixo, a numeração em algarismos romanos, correspondente a cada carta enviada que deveria seguir sua ordem numérica para ser publicada; abaixo disso, poderia aparecer um subtítulo, que

nessa primeira edição, nota-se que não continha; abaixo disso, observamos o local de onde a carta foi enviada; em seguida, aparecia uma outra data, que podemos supor que correspondia à data da carta enviada pelo escritor que, em sua maioria, demarcava aproximadamente 20 a 30 dias anteriores à data de edição do jornal; abaixo deste, o seu conteúdo; e, por fim, a assinatura “João Ribeiro”.

Figura 1 – Recorte de *O Commercio de São Paulo*, no qual aparece a série “Da Allemanha”



Fonte: Hemeroteca Digital/ FBN.

O Commercio de São Paulo era um jornal diário que circulou desde 1893 e tinha o formato de 46 cm de largura e 65 cm de altura (BALCÃO, 1998). Sobre os assuntos em geral que este jornal diário publicava, podemos encontrar em sua primeira página assuntos diversificados como lançamentos de livros, notícias de nomeação de pessoas, variadas matérias de outros países e aparecimento de outras colunas para compor o visual do jornal, desde seu surgimento, tais como observamos no recorte anterior. A segunda página destinava-se ao esporte, informações e anúncios; a terceira e quarta páginas a anúncios, que, a partir de 1895, foram ampliadas para divulgação de produtos de/para outros estados e exterior,

porém, mantinha-se a ênfase em São Paulo e Rio de Janeiro; além de anúncios de venda de bilhetes de navios que ocupava, mais praticamente, toda a última página do jornal. Vale ressaltar que, em 1895, a possibilidade de assinaturas para esse jornal havia alterado para outros estados e ao estrangeiro. Logo, os anúncios divulgados por esse impresso precisavam também se adaptar para acompanhar essa nova realidade do jornal, que, acompanhava uma cidade que se modernizava.

Outra estratégia utilizada por essa folha com o intuito de melhorar e aumentar sua circulação, além de tentar capturar assinantes e anunciantes para esse impresso, era oferecer tal jornal aos “frequentadores de hotéis, sa-

lões, além de possuir pontos de venda fixos pela cidade” (BALCÃO, 1998, p. 46). Devo lembrar que “[...] um impresso não precisava ser consumido (comprado) para ser lido [...] muitas pessoas se valiam das edições diárias que ficavam expostas nos cafês, já amareladas de tanto uso” (MELLO, 2007, p. 79 *apud* LIMEIRA, 2012, p. 370). Isto é, não necessariamente aqueles que pagavam pelas assinaturas ou compravam as folhas avulsas determinavam, em sua totalidade, os leitores destas.

O redator-chefe era Júlio César Ribeiro, ou seja, irmão mais velho de João Ribeiro que residia em São Paulo. Penso que havia um contrato entre João Ribeiro e o editor desse periódico para o professor poder publicar suas cartas. Observando a nota apresentada na epígrafe que abre este subtópico, a publicação dessa série de correspondência significava a colaboração do viajante para tornar o jornal mais interessante e moderno. Entrecruzando com a análise das cartas, em especial, da edição 712, do dia 23 de julho de 1895, no qual o viajante indicava ser “jornalista e correspondente de dois jornaes sul-americanos”, pude entrever que um desses pudesse ser *O Commercio de São Paulo*. Logo, seria vantajoso para o periódico ter João Ribeiro – que parecia já ter nessa época o mínimo de prestígio na imprensa – colaborando com esse jornal.

Não havia um dia certo em que os relatos de viagem de João Ribeiro foram publicados.²⁵ Tampouco uma garantia de que estes seguiriam a sequência lógica pretendida pelo correspondente ou jornal. Por exemplo, da primeira nota de viagem até a segunda, demorou-se dez edições para ser publicada; já da segunda para a terceira, somente uma edição de diferença. Seguindo nessa análise, percebe-se que nas próximas edições demorar-se-ia entre uma e cinco edições para elas serem publicadas. Contudo, é possível notar uma

diferença de tempo entre envio e publicação de cada carta, de aproximadamente um mês (poucos dias para mais ou para menos). Além disso, todas demarcavam Berlim, cidade a qual João Ribeiro teria fixado como principal endereço durante sua estadia na Alemanha (LEÃO, 1954; RIBEIRO, 1934).

Ao olharmos atentamente para a numeração romana indicada em todas as cartas, podemos notar que esta seguia a uma ordem cronológica, à exceção de algumas trocas. A esse respeito, poderia entrever, talvez, que as cartas publicadas fora de sua sequência pudessem estar associadas ao tempo que se levava para uma carta enviada da Europa chegasse ao Brasil, ou, mais especificamente, de Berlim a São Paulo. Por conta de um extravio, ou por uma demorar mais tempo de outra com numeração romana posterior, o jornal e editores assumiam o risco de publicar as que já tinham em mãos. De Luca (2016) aponta esse tempo era determinado a partir da:

[...] introdução do vapor nas rotas do Atlântico Sul em meados do século XIX, diminuiu quase à metade o tempo da travessia entre a Europa e o Rio de Janeiro – de cinquenta e quatro para vinte e nove dias – trajeto que, a partir dos anos 1880, passou a ser feito em apenas vinte e dois dias, o que impactou na circulação não apenas de mercadorias, mas instituiu espaços comuns de trocas em escala e ritmo inéditos, que descortinavam novas possibilidades para a produção cultural e o confronto de opiniões, informações e ideias. (DE LUCA, 2016, p. 113).

Todavia, devido a cada uma delas conterem assuntos variados e, em alguns momentos, independentes uma da outra, acredito que isso não atrapalharia o seu entendimento, caso publicadas fora de sua ordem numérica. Sobre a numeração romana cronológica definida nas cartas publicadas, devemos considerar o que Gomes (2004, p. 18) adverte sobre “[...] a importância do domínio do tempo no ato de escrever sobre si [...] evidentes em expedientes

25 Ver Apêndice A.

muito praticados para estabelecer uma ‘ordem da escrita’”. A esse exemplo, a autora cita o ato de numerar folhas ou páginas de um caderno de viagem, de diário, de outros cadernos e de cadernetas, demonstrando, assim, que esse texto tem um seguimento; assim como nas cartas e diários, o ato de datar e localizar o que se escreve de forma eventual ou descontínua

servia para que não interferisse ou prejudicasse sua ordem temporal. Nesse sentido, penso que João Ribeiro ao numerar suas cartas, bem como datá-las de modo a mostrar aos seus leitores o dia que escreveu, possa estar imbuído de significados de uma escrita de si. De acordo com os temas tratados, classifiquei-as da seguinte maneira, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Temáticas recorrentes da série “Da Allemanha”

TEMAS	QUANTAS VEZES APARECERAM			
	1ª SÉRIE	EDIÇÕES	2ª SÉRIE	EDIÇÕES
Jornais e jornalistas	2	702, 708	1	781
Mulheres	3	694, 733, 736	1	771
Artes e cultura	5	683, 694, 696, 733, 736	1	767
Política	4	710, 712, 722, 727	3	761, 765, 776
Lugares	4	683, 696, 710, 712	3	764, 767, 777
Educação	5	704, 707, 720, 729, 731	5	769, 773, 782, 788, 803
Pessoas ilustres	12	683, 693, 697, 699, 704, 707, 709, 714, 716, 720, 729, 731	4	777, 782, 801, 803
Outros	0	—	6	788, 802, 804, 839, 845

Fonte: elaborado pela autora.

Ao observar o Quadro 1, podemos notar que na 1ª série o viajante tratou mais da temática referente às artes e cultura, mulheres, lugares e pessoas ilustres, do que na 2ª série. Em contrapartida, manteve-se abordando sobre política e educação igualmente nas duas séries. A respeito das que versavam sobre jornais e jornalistas, o viajante tratou de forma mais aprofundada sobre essa questão realizando comparações entre os jornais brasileiros e alemães, bem como de outras cidades europeias; recomendando matérias específicas de determinado jornalista para que seus leitores as acompanhassem; dentre outras. Apesar de, em sua maioria, ao final das cartas, João Ribeiro trazer uma anedota de algum jornal alemão, não as considerei, nesses casos,

como uma discussão mais aprofundada sobre essa primeira temática, pois ele somente traduzia algumas partes, com o intuito de trazer um pouco mais de humor para seus leitores. Sobre o tema mulheres, considerei aquelas cartas em que o viajante discutiu sobre o gênero feminino de maneiras diversificadas: em relação à profissão, aos trajés, ao comportamento, à beleza etc. Já na temática artes e cultura, englobei as cartas que trataram de maneira geral sobre pintura, arquitetura, música e artes alemães. Sobre o tema “política”, o missivista apresentou tanto sua visão para discorrer sobre o caso brasileiro, quanto alemão. Nas cartas que tratou sobre lugares, separei aquelas em que João Ribeiro se deteve a comentar cidades, locais e instituições, em

geral, alemães ou europeias, que visitou. Inserir no grupo referente à temática sobre educação as recomendações feitas de leituras, estudos e obras didáticas ou científicas recém-lançadas, bem como os comentários sobre uma instituição visitada que acreditava ser um modelo a ser seguido pelo Brasil, dentre outras situações. Na temática sobre pessoas ilustres que, de certa forma, entrelaçava-se, em sua maioria a outros assuntos, considere as cartas que o correspondente comentou sobre sujeitos alemães que acreditava ter certa superioridade intelectual. E, por fim, em “outros”, separei as demais cartas que não se encaixavam nos temas mencionados, devido ao assunto não ser recorrente. Contudo, em todas elas, era unânime o pensamento do viajante de que era na Alemanha onde se encontraria todos e tudo que considerava de melhor e mais moderno àquela época.

Percepções de si ao escrever sobre o outro

Ao chegar aqui a essa terra incomparável e divina que é a massa cinzenta do nosso planeta, a primeira impressão que temos, além do assombro dessa grande civilização, é a amargura de ver calunhado pelo mundo latino esse povo adorável e essa região amorosa da seisma e de todos os grandes ideaes. [...] A Alemanha é ainda a maior vítima da fúria gauleza. Quem quer que vive espiritualmente dos livros franceses fica naturalmente imbuído de quanta falsidade se possa inventar acerca do povo alemão. O alemão é conhecido pela lourdeur e pela brutalidade. Entretanto, é justamente o contrário que se observa. O alemão é delicadíssimo, gentil, quase feminino e carinhoso no trato. A todo o momento, ele se presta a dar informações, a guiar o estrangeiro, com uma adorável alegria prestativa, ingenua e sincera. Mesmo nas classes inferiores, essa delicadeza se exprime em toda a plenitude, tanto é ella nativa e ingênita. (*O COMMERCIO DE SÃO PAULO*, Ed. 683, 19/06/1895, p. 1).

No dia 30 de maio de 1895, foi enviada a primeira carta de João Ribeiro ao jornal e publicada no *O Commercio de São Paulo*, quase um mês depois. Nela, o professor demonstra perplexidade ao ver que a terra visitada seria o oposto das representações generalizadas feitas sobre os alemães, em que o relacionavam ao sobrepeso e brutalidade, o que não acreditava ser verdade. Com o intuito de ir em contramão à difamação que dizia ter propagado os franceses sobre a Alemanha, elencou considerações elogiosas a respeito do povo alemão. Um dos aspectos defendidos nessa carta estaria ligado aos atributos do povo, encontrando, na figura dos soldados e militares alemães, o exemplo ideal de demonstrar o quanto eles eram disciplinados, sem serem brutos. Vale lembrar que a aproximação de João Ribeiro com um modelo militar não fora adquirida durante a viagem. A esse respeito Hansen (2000) observa que desde antes da viagem, o correspondente demonstrava-se entusiasta dos governos militares, em especial, o de Floriano Peixoto, no Brasil.²⁶

Assim como na primeira carta, nas edições seguintes, como em “A Erudição”, “O amor” e “O alemão”, João Ribeiro seguiu a mesma perspectiva de defender e mostrar o quão disciplinado, modesto, agradável, erudito, respeitoso, superior e muitas outras qualidades elencadas, eram os alemães. Como poderemos ver em “O alemão”, edição 696, no qual sustentava que havia saído do Brasil, com ideias gerais e comuns sobre a Alemanha e, por isso, “a todo o momento [teria ele, nesse país] uma surpresa. Esse povo que passa por brutal e rustico é o mais amável e o mais risonho possível” (*OCSP*, ed. 696, 04/07/1895, p1), evidenciando assim, como aponta Vicente (2011), que o viajante parte sempre com uma

²⁶ Ver carta de João Ribeiro a José Veríssimo, de 1893, em que o remetente se coloca contrário a uma manifestação contra o presidente à época, dizendo-se florianista e militarista.

ideia já preconcebida sobre o destino de sua viagem. Ao ser confrontado com a realidade daquilo que vê, confirma que já sabia ou fica confuso, pleno de perplexidades e contradições. O viajante mantém-se em permanente estado de observação, tendo a ilusão que consegue manter distância entre observador e observado. Nesse caso, João Ribeiro demonstrava-se espantado com tamanha beleza que ia encontrando ao longo de sua viagem à Alemanha e se via na obrigação de contar aos seus leitores as impressões que tinha sobre tudo o que ia conhecendo.

Para mostrar sobre a exuberância do país visitado, enalteceu a música, a arquitetura, as artes, os jornais, a ciência – ao trazer estudos recentes alemães e seus autores –; a política – ao enaltecer o imperador Guilherme II e suas ações como monarca –; e a educação – ao estabelecer professores, cursos e universidades que lhe agradavam, indicar obras educativas e cometer o intercâmbio de alunos entre Américas e Europa – alemães. Na medida em que elogiava tudo dessa nação, encontrava na França, sobretudo, em Paris, o oposto, tudo que seria ruim e que não deveria ser referenciado no Brasil e para os brasileiros.

Por sua vez, é possível observar uma certa frustração de João Ribeiro com a Alemanha em alguns momentos. Um deles quando tratou sobre as festas patrióticas que ocorriam nesse país durante sua estadia, em especial, relacionadas à inauguração do Canal do Báltico. Como exemplo, nota-se a opinião do viajante em uma passagem da carta “O patriotismo”, na qual confessou que:

Non sympathiso, e digo-o com alguma timidez, com esse sentimento que chamam – patriotismo. É o lado mais bestial da especie. E a Alemanha, nesses ultimos dias, tem-me offerecido um espetaculo quasi indecente. Milhares de homens, da elite da civilização, urram de alegria, porque desolaram, ha vinte e cinco annos, os campos francezes, semeiaram o lucto nas fron-

teiras, incendiaram Strassburgo e Paris. (OCSP, ed. 727, 09/08/1895, p. 1).

Ao falar sobre o outro, deixou entrever sobre si ao se colocar contrário a esse evento. Nesse mesmo relato de viagem, confessou-se também ser patriota, mas apenas “da boca para fora”. É interessante notar como se enxergava enquanto estrangeiro na Alemanha, ao confessar que não gostava de contar a ninguém que era brasileiro. Um dos motivos estava no fato de acharem que os brasileiros e portugueses eram tudo um povo só, e o outro motivo relacionava-se ao câmbio que não lhe permitia ainda ostentar. Por isso, gostava de dizer que era americano, pois todos os alemães achavam que os americanos que visitavam a Alemanha eram sempre do Norte. Contudo, quando não queria passar uma ideia de que era rico, mentia que era francês, espanhol ou italiano.

Muitas vezes antes de transpôr uma porta, sou obrigado a parar, a reflectir e a dizer com os meus botões: - Serei eu aqui hespanhol? ou o francez daquela noite? – Na duvida, decido-me pela Italia, o que me dá um ar sentimental e melodioso. E nunca se nota o engano, ou porque os outros fazem a mesma cousa ou porque, dia a dia, caem do ceo sobre nós quinhentos mil milhões de mentiras. (OCSP, ed. 727, 09/08/1895, p. 1).

Ou seja, à medida que vai se mostrando não mais patriota em sua carta, ao final dela, acaba se contradizendo ao justificar-se que todo estrangeiro fora de sua cultura vira um pouco patriota quando lhe convém. Como exemplo, citou o episódio de quando sentiu falta dos cigarros brasileiros e que soubera que poderia encontrá-los em Berlim, não hesitou em correr para comprá-los na tenda que os vendia. A surpresa e indignação se deu, porém, quando descobriu que o tabaco vendido era turco, sentindo-se, assim, enganado e decepcionado. Nesse momento, defendeu sua pátria ao perceber que o tabaco brasileiro é incomparável,

soltando alguns palavrões ao dono da tabacaria. A esse respeito, Vicente (2011, p. 167) pontua que o viajante no estrangeiro “[...] também não deixa de ser observado pelas gentes da terra, com mais ou menos surpresa ou curiosidade, estabelecendo-se uma interação, mesmo que nunca haja comunicação linguística

entre ambos”. Logo, João Ribeiro sabia que, ao chegar nos lugares visitados pela Alemanha, de fato os alemães o notariam como fora de sua cultura.

Aliás, foram muitos os itinerários de João Ribeiro nessa viagem, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 – Possíveis lugares visitados por João Ribeiro na primeira viagem à Europa

PAÍS	CIDADE	PERÍODO	MOTIVOS/ CONTEXTOS	REFERÊNCIA
Alemanha	Berlim	Todo o período da viagem	Fixou estadia. Dá indícios de lugares visitados nessa cidade	Cartas no OCSP e cartas pessoais a Lucio de Mendonça; ao <i>bond</i> de A <i>Semana</i> ; e, a José Lino
	Leipzig	Maio ou junho	-	Carta no OCSP (ed. 767)
	Munich	Julho	Visitar a estátua de Hermes de Praxiteles	Carta no OCSP (ed. 699)
	Dresden	s/d	Espreirar, fugir do calor de Berlim	Carta no OCSP (ed. 764)
		21 e 28 de setembro	Participar do Congresso de Propriedade Literária	Carta no OCSP (ed. 803)
França	Paris	Maio	Passagem para Alemanha	Carta no OCSP (ed. 777)
		Dezembro	Passeio com a esposa	Carta pessoal para José Lino, de 31 de dez. de 1895. [ABL]
Holanda	-	Maio	-	Carta no OCSP (ed. 712)

Fonte: Silva (2022).

Dentre as cartas que o viajante comentou sobre os lugares desfrutados, destaco a da edição 693, na qual, com riquezas de detalhes, mostrou-se deslumbrado com a paisagem contemplada ao desfrutar do passeio pelas ruas de Berlim. Dentre elas, estava a principal avenida *Under den Liden*, dizendo que esta seria a Rua do Ouvidor, exceto pelo fato desta ter “60 metros de largura, ou 10 vezes a viela do Rio” (OCSP, ed. 683, 19/06/1895, p. 1).

Interessante observar a comparação que o viajante realiza em sua escrita de acordo com um referencial que conhecia ou, talvez, que

pudesse ser conhecido também pelos seus leitores que viviam no Brasil: a Rua do Ouvidor, localizada no Rio de Janeiro. Nesse sentido, João Ribeiro mostrava nessa passagem que, talvez, não escrevesse apenas para os leitores de São Paulo. Apesar da Rua do Ouvidor estar localizada no Rio e o jornal ser paulista, vale lembrar que a circulação desse impresso era de abrangência nacional e internacional, além de que o Rio de Janeiro era, antes da Proclamação da República, a capital do Brasil, que continha um dos principais acessos ao estrangeiro, o porto na Baía de Guanabara. Logo, pro-

vavelmente, qualquer estrangeiro que chegasse ao Brasil nessa época teria que passar pelo Rio de Janeiro, conseqüentemente passar ou conhecer a Rua do Ouvidor.

A despeito do olhar comparativo em viagens, Chamon e Faria Filho (2010) recorrem a François Hartog (1999), para explicar que o exercício de comparação “[...] permite construir o outro a partir de semelhanças e de diferenças, traçando e abolindo, simultaneamente, as fronteiras entre eles” (HARTOG, 1999, p. 240 *apud* CHAMON; FARIA FILHO, 2010, p. 20). Ou seja,

[...] na busca de uma transcrição possível, a distância entre dois mundos (o que se conta e o mundo em que se conta) mantém-se e reduz-se ao mesmo tempo, ou seja, no exercício comparativo, o relato sobre o outro constitui-se numa espécie de ‘corte-sutura’: ‘a marca sempre presente do corte entre ambos, bem como o signo, sempre retomado, de sua sutura’ (HARTOG, 1999, p. 254 *apud* CHAMON; FARIA FILHO, 2010, p. 20).

Em suas cartas, deixou transparecer que a cidade de Dresde lhe agradou mais pelo seu estilo bucólico e por conter galerias com obras de artes, do que Leipzig, Paris e as costas da Holanda. Nesse momento, lançou mão de comparações entre os lugares que não gostou em oposição às paisagens brasileiras, como as do Rio de Janeiro, que, diferentemente das europeias, permitia vislumbrar uma natureza exuberante. Logo, ao escrever suas impressões sobre o outro, ou seja, as percepções que tinha da cultura, artes, educação, literatura, política, entre outros aspectos, das cidades visitadas na Europa, João Ribeiro revelou também o que pensava sobre si mesmo, bem como sobre sua nação.

Ao guardar o jornal, despeço-me das cartas

Devemos atentar que as cartas pessoais de João Ribeiro, que tinha uma escrita direciona-

da a um destinatário específico e sua permissão para lê-las, eram distintas daquelas publicadas em *O Commercio de São Paulo*, pois estas últimas poderiam alcançar diferentes destinatários/leitores, portanto, sem o controle do remetente. Além disso, vale ressaltar que, assim como tudo nos jornais, passa por seleções, edições e requer uma intencionalidade e cuidado do que se vai escrever e publicar (MIGNOT, 2018b). Nesse caso, ao criticar a falta de paisagem natural nessas cidades, em especial, em Leipzig e Paris, cheia de máquinas, pontes construídas etc., e sobressaltar as do Brasil, João Ribeiro buscava levar aos seus leitores uma certa representação de seu próprio país, ou de um país que desejava ou idealizava. Assim como tentou agradar aos supostos alemães que no Brasil residiam, indicado pela nota do editor do jornal como principais leitores das impressões de viagem, e como é possível de ser observado no relato de um deles ao ser lançada a primeira carta de João Ribeiro no jornal, dizendo que era uma “brilhante defeza da nação allemã contra os aviltamentos que, sahindo da França, são espalhados com relação aos germanos sobre todas as raças latinas” (OCSP, ed. 686, 22/06/1895, p. 1).

Por outro lado, suas impressões de viagem não agradaram a todos os leitores, como foi o caso de Maneco, o correspondente de Paris da mesma folha, e Carlos de Laet, professor de Português do Ginásio Nacional, que participou da comissão julgadora do concurso em que João Ribeiro saíra derrotado em 1887 e que na época escrevia para o *Jornal do Brasil*, como Cosme de Moraes. Quanto à crítica do primeiro opositor, relacionava-se à apologia que Maneco acreditava estar João Ribeiro fazendo sobre a Alemanha e que, para tal, rebaixava Paris e enxergava nos franceses todos os defeitos e males possíveis que uma nação poderia ter. Enquanto o assunto do primeiro durou em uma carta somente em que João Ribeiro achou

conveniente respondê-lo na edição 802, o assunto do segundo se estendeu até as últimas cartas sem título de João Ribeiro, e relacionava a acontecimentos anteriores à sua viagem à Europa.

Nas cartas publicadas de João Ribeiro no jornal paulista, entrecruzando com a sua correspondência pessoal durante a viagem a amigos, é possível de se observar também contradições. Ao mesmo tempo em que o viajante tentava ressaltar um Brasil com avanços em relação às ciências e educação em suas impressões de viagem, nas cartas a Max Fleuiss e outros,²⁷ João Ribeiro revelava intimamente que andava desgostoso com o Brasil e que, por conta disso, passava-se por mentiroso ao elogiar seu país de origem para os alemães e para a imprensa.

Vale destacar também que, inicialmente, o professor não tinha a intenção de levar a família, por mais que sentisse saudades da esposa e dos filhos, como revelado na carta pessoal a José Lino e em outra publicada no jornal, edição 776, que até outubro encontrava-se longe dos seus. Porém, na carta de 31 de dezembro daquele mesmo ano, para o mesmo destinatário, indicou que na semana anterior, ou seja, ainda no mês de dezembro, estava a passeio com Nhan-nhan por Paris. Ao mesmo tempo que publicamente criticava tudo relacionado à França, aos franceses e à sua capital publicamente, a cidade parisiense tornava-se destino para viagem com a esposa, no qual era somente permitido revelar aos mais próximos, assim como o fez em carta ao compadre.

Os imprevistos também estiveram presentes na viagem de João Ribeiro e não passaram despercebidos em suas impressões de viagem, como foi o caso da carta “O Congresso em Dresda”, edição 803, que revelou que estava responsável por receber alguns participantes brasileiros para o XVII Congresso Internacio-

nal em Dresden, para tratar sobre propriedade literária, e que não conseguiu comparecer em um dos dias desse evento por questões de saúde. Em outra carta, revelou que tinha a intenção de visitar a universidade em Berlim, porém, ela se encontrava em período de férias e, por conta disso, não estava aberta ao público. Em contrapartida, conseguira visitar o museu que esta instituição abrigava e colou-se a escrever sobre ele em suas narrativas.

Segundo Mignot (2007), ao se debruçar nas pesquisas sobre viagens e viajantes é preciso considerar o aspecto da imprevisibilidade,²⁸ pois, ainda que haja planejamento financeiro e preparação cultural para a realização das viagens, elas estão sempre suscetíveis a mudanças. Santos (2020, p. 83) acrescenta que “os rumos e as durações podem ser alterados em meio ao seu curso e, por vezes, independente da vontade do viajante”. No caso de João Ribeiro, sua intenção era a de prolongar a estadia na Europa, e, para isso, acionou novamente a sua rede de sociabilidade para conseguir outra comissão que lhe permitisse continuar na Alemanha. Porém suas impressões de viagem não acompanharam o período após o ano de 1895. Algumas hipóteses que poderiam ter contribuído para o desaparecimento das cartas “Da Alemanha” estiveram relacionadas, talvez, à discussão travada em meio à imprensa de João Ribeiro com Carlos de Laet; ou, pelo fato da mudança do editor-chefe de *O Commercio de São Paulo* a partir de 1896, que não era mais seu irmão; ou, até mesmo, por razões do lançamento de uma nova revista científico-literária, chamada *O Novo Mundo*, que contaria com a direção de João Ribeiro e financiada por Júlio Ribeiro, que, por vezes, foi anunciada também pelo jornal diário paulista.

Embora as cartas de João Ribeiro publicadas em *O Commercio de São Paulo* contemplassem

²⁷ Ver: Hansen (2000).

²⁸ Sobre a questão da imprevisibilidade na viagem dos educadores, ver: Amorim, Santos e Pires (2021).

apenas o período inicial de sua viagem à Alemanha, tais fontes permitiram observar o que o viajante “fazia no espaço do outro” (GONDRA, 2010, p. 13). Dessa maneira, ele pôde divulgar, comparar e refletir sobre o outro em relação à sua vivência, à sua cultura, ao seu país. Pudemos perceber, que essa descrição não era imparcial e funcionava como “[...] um observatório privilegiado para refletir-se acerca da circulação de ideias, projetos e modelos educacionais em curso” (GONDRA, 2010, p.14), incrementando ao viajante um saber ao seu capital intelectual e cultural. Com isso, João Ribeiro pôde testemunhar o que apreendeu sobre artes, cultura, política, arquitetura, literatura e educação, mostrando-se como um verdadeiro “espectador da vida alemã”, ou como um *baudad* – assim como ele próprio denominou e como busquei mostrar no presente artigo –, ao defender a Alemanha como modelo para o Brasil, em um período em que muitos brasileiros tomavam como referencial a França.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Tristão de Alencar Araripe Júnior**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/araripe-junior/biografia>. Acesso em: 20 jul. 2022.

ALVES, Rosana Lópis. **José Veríssimo Dias de Mattos**: um crítico na direção do Gymnasio Nacional (1892-1898). 2006. 266f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

AMORIM, Sara Raphaela Machado de; SANTOS, Daise Silva dos; PIRES, Raquel Lopes. Do planejado ao vivido: imprevisibilidades nas travessias de educadores (1911-1930). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6042/5382>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BALCÃO, Lier Ferreira. **A cidade das reclamações**:

moradores e experiências urbanas na imprensa paulista – 1900/1913. 1998. 171 f. Dissertação. (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. (tradução: Magali de Castro). Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice, CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes. 2ª edição. 1999. p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.

BOUVET, Nora. **La escritura epistolar**. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 2018.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Como o polvo e o camaleão se transformam”: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-56.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. «Muchas cartas tengo escritas» Comunicació Epistolar I correu a l'Espanya moderna. IN: IGLESIA-FONSECA, J. Antoni. **Comunicatio: un itinerari històric**. Barcelona: Nausíacaä, 2013. p. 133-164.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Escritas, textos e leituras: formas de fazer história da cultura escrita. In: PATRIOTA, Rosângela, RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **Escritas da história**: circulação, leituras e recepções. São Paulo: Hucitec; Brasília: Capes, 2017. p. 55-96.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Grafias do cotidiano**: escrita e sociedade na História (séculos XVI a XX). Rio de Janeiro: eduerj; eduff, 2021.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Sociedad y cultura epistolar en la historia (siglos XVI-XX). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio, SIERRA BLAS, Verónica. **Cinco siglos de cartas**. Historia y prácticas epistolares en las

épocas moderna y contemporánea. 1ª ed. Huelva. 2014, p. 25-53.

CHAMON, Carla Simone; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O olhar comparativo: Estevão de Oliveira e os grupos escolares em Minas, no Rio e em São Paulo. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 22, p. 17-41, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5761/576161060006.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

DE LUCA, Tania R. Correspondente no Brasil. Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880. **Sur le journalisme - About journalism - Sobre jornalismo**. Vol 5, nº1, p. 112 -125. 2016. Disponível em: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/247/290>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO – FUNAG. **Carlos Augusto de Carvalho**. Disponível em: <https://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores/340>. Acesso em: 20 jul. 2022.

GOMES, Angela de Castro. Escritas de si, escrita da História: à título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escritas de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. P. 7-26.

GONDRA, José Gonçalves. Apresentação – Dossiê: Viagens de educadores, circulação e produção de modelos pedagógicos. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 22, p. 13-16, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40821/751375152889>. Acesso em: 10 ago. 2022.

HANSEN, Patricia dos Santos. **Feições & fisionomia: A História do Brasil de João Ribeiro**. Rio de Janeiro: Access, 2000.

LEÃO, Múcio. **João Ribeiro: ensaio biobibliográfico**. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1954.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Impressos: veículos de publicidades, fontes para História da Educação. **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 2, p. 367-388, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/21702/11911>. Acesso em: 10 ago. 2022.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO. José Pedro Xavier da Veiga. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/jpxdaveiga.html>. Acesso em: 9 dez. 2022.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Encontros marcados: redes de ideias e afetos de educadores em escritas de viagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, MORAES, Dislane Z., MARTINS, Raimundo. **Atos de biografar: narrativas digitais, história, literatura e artes**. Curitiba: CVR, 2018a. p. 101-120.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Com a palavra, o leitor. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação**. Curitiba: CRV, 2018b, p. 17 – 36.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio, GONDRA, José G. (Orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Filipe Silva de. **A ciência do século XIX na visão do jornalista João Ribeiro em artigos de divulgação científica (1895-1934)**. 2017. 143 f. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2017.

PIMENTA, Jussara Santos. Vestígios autobiográficos na escrita de viagem: o “Diário de Bordo” (1934). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 343-358, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3432/2496>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RAMOS, Alessandra. Arranjos possíveis de uma vida privada: João Ribeiro e os desafios de compor sua trajetória pessoal. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (Org.). **Nos desvãos da história: João Ribeiro**. Jundiá: Paco Editorial. 2015. p. 19-39.

RIBEIRO, Joaquim. **9 mil dias com João Ribeiro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1934.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da imigração alemã: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo**. Vitória (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SÁEZ, Carlos, CASTILLO GÓMEZ, Antonio (editores). **La correspondencia en la Historia. Modelos y prác-**

ticas de la escritura epistolar. **Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Cultura Escrita**. Vol. I. Madrid: Biblioteca LITTERAE; CALAMBUR, 2002.

SANTOS, Vera Lúcia Salles de Oliveira. **João Ribeiro como jornalista científico no Brasil (1895 – 1934)**. 1981, 144 f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

SANTOS, Daise Silva dos. **Mais do que ler mil livros: os significados da viagem à Europa na trajetória de Francisco Lins (1911-1917)**. 2020, 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação: 1808-2010. A abertura para o Mundo (1889 – 1930)**. Vol. 3. Madrid: Fundación Mapfre; Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Alexandra Lima da. Viajantes de Clio: intelectuais, intercâmbios e formação. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS, v. 18, n. 31, p. 227 – 243, Jan./ Jun. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5882/588266486012.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SILVA, Shayenne Schneider. **Em terras alheias: a viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895-1897)**. 2022. 308 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SILVA, Shayenne Schneider, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Cartas do ofício: Coelho Netto à frente da

Escola Dramática (1910 - 1934). **Cadernos de História da Educação**, v. 21, p. 1-27, e134, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-134>. Acesso em: 11 ago. 2022.

TRESPACH, Rodrigo. Alemães para toda obra: de D. João VI a projetos privados de produção agrícola, imigrantes germânicos fizeram história no Brasil a partir do século XIX. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Ano 10, nº 102, março de 2014. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160204125014/http://rhbn.com.br/revista/edicao/102>. Acesso em: 26 jan. 2022.

VENANCIO, Giselle Martins. “Sopros inspiradores”: troca de livros, intercâmbio intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 217-242.

VICENTE, Ana. As mulheres portuguesas vistas por viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. In: MUSSER, Ricarda (Org.). **El viaje y la percepción del otro: viajeros por la Península Ibérica y sus descripciones**. Berlim: Iberoamericana; Vervuert. 2011. p. 161-192.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones. **SIGNO. Revista de Historia de la Cultura Escrita**, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, n. 3, p. 41-68, 1996. Disponível em: https://ebuah.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/7493/historia_vinao_SIGNO_1996.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10 ago. 2022.

Recebido em: 10/09/2022

Revisado em: 30/11/2022

Aprovado em: 03/12/2022

Publicado em: 15/12/2022

Shayenne Schneider Silva é doutora e mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora dos Anos Iniciais do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É associada ao grupo de pesquisa “Escola e Memória”, do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da UERJ. E-mail: shayennes@hotmail.com

Apêndice A

Quadro da 1ª série de correspondência “Da Alemanha”

DATA DA CARTA	DATA DE PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO / PÁGINA	NÚMERO DA CARTA	LOCAL	TÍTULO
30/05/1895	19/06/1895	Ed 683, p.1	I	Berlim	Sem título
02/06/1895	30/06/1895	Ed 693, p. 1	s/n	Berlim	A Erudição
04/06/1895	02/07/1895	Ed 694, p.1	III	Berlim	O amor
07/06/1895	04/07/1895	Ed 696, p.1	IV	Berlim	O alemão
10/06/1895	05/07/1895	Ed 697, p.1	V	Berlim	Tres mortos ilustres
11/06/1895	07/07/1895	Ed 699, p.1	VI	Berlim	O professor Hirschfeld
16/06/1895	11/07/1895	Ed 702, p.2	IX	Berlim	O jornalista
17/06/1895	13/07/1895	Ed 704, p.1	X	Berlim	A philosophia do direito
12/06/1895	17/07/1895	Ed 707, p.1	VII	Berlim	Baccilos e parasitas
12/06/1895	18/07/1895	Ed 708, p.1	VIII	Berlim	Os jornaes alemães
22/06/1895	19/07/1895	Ed 709, p.1	XI	Berlim	O professor Virchow
23/06/1895	20/07/1895	Ed 710, p.1	XII	Berlim	O canal do báltico
27/06/1895	23/07/1895	Ed 712, p.1	XIII	Berlim	O canal de kiel
28/06/1895	25/07/1895	Ed 714, p.1	XIV	Berlim	O citrophén
29/06/1895	27/07/1895	Ed 716, p.1	XV	Berlim	Encontros
Junho/1895	01/08/1895	Ed 720, p.1	XVI	Berlim	Um militar brasileiro
02/07/1895	03/08/1895	Ed 722, p.1	XVII	Berlim	Os anarchistas
14/07/1895	09/08/1895	Ed 727, p.1	XVIII	Berlim	O patriotismo
18/07/1895	11/08/1895	Ed 729, p.1	XIX	Berlim	Os estudantes americanos
22/07/1895	14/08/1895	Ed 731, p.1	XX	Berlim	Algumas notícias
25/07/1895	16/08/1895	Ed 733, p.1	XXI	Berlim	Nos teatrinhos
24/07/1895	20/08/1895	Ed 736, p.1	XXII	Berlim	Ainda os teatrinhos
Total					22

Fonte: Silva (2022).

Quadro da 2ª série de correspondência “Da Allemanha”

DATA DA CARTA	DATA DE PUBLICAÇÃO	EDIÇÃO / PÁGINA	NÚMERO DA CARTA	LOCAL	TÍTULO
Agosto/1895	19/09/1895	Ed 761, p.1	I	s/l	O imperador
23/08/1895	22/09/1895	Ed 764, p.1	II	s/l	Dresde
23/08/1895	24/09/1895	Ed 765, p.1	III	s/l	Ainda o imperador
Agosto/1895	26/09/1895	Ed 767, p.1	IV	s/l	Leipzig
25/08/1895	28/09/1895	Ed 769, p.1	V	s/l	Philologia?
Agosto/1895	01/10/1895	Ed 771, p.1	VI	s/l	Cousas tristes
27/08/1895	03/10/1895	Ed 773, p.1	VII	s/l	Sem título
setembro/1895	--/10/1895	Ed 776, p.1	IX	Berlim	Festas patrióticas
—	08/10/1895	Ed 777, p.1	VIII	s/l	Um estudante de filologia
setembro/1895	12/10/1895	Ed 781, p.1	X	s/l	Os jornaes - Berliner Tageblatt
setembro/1895	13/10/1895	Ed 782, p.1	XI	Berlim	Um curso interessante
Setembro/1895	20/10/1895	Ed 788, p.1	XII	Berlim	Gegen den Forts-chritt...
Outubro/1895	06/11/1895	Ed. 801, p.1	XIII	s/l	Pasteur
Outubro/1895	07/11/1895	Ed 802, p.1	XIV	Berlim	Um parenthesis
Outubro/1895	08/11/1895	Ed 803, p.1	XV	s/l	O Congresso em Dresda
Outubro/1895	09/11/1895	Ed 804, p.1	XVI	s/l	O Congresso-Pagode
22/11/1895	21/12/1895	Ed 839, p.1	XVIII	Berlim	Sem título
15/11/1895	29/12/1895	Ed 845, p.1	XVII	Berlim	Sem título
Total:					18

Fonte: Silva (2022).